

RED PILLS, MISOGINIA E FEMINICÍDIO: (RE) PRODUÇÃO DE MASCULINIDADES TÓXICAS NO COTIDIANO SOCIAL⁽¹⁾.

Anna Laricy Pereira Batista⁽²⁾; Francisca Isadora de França Freitas⁽³⁾; Kamila Matias Virginio⁽⁴⁾; Hudson Walker Simão Carneiro⁽⁵⁾.

⁽¹⁾ Trabalho desenvolvido no Programa de Iniciação Científica (PIC) no âmbito do projeto de pesquisa: Núcleo de Pesquisa em Políticas Públicas, Psicologia e Territorialidades (NUPSIT) da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - FACEP;

⁽²⁾ Estudante; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar; Francisco Dantas, Rio Grande do Norte; annab2522@gmail.com

⁽³⁾ Estudante; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar; Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte; jisadorafranca14@gmail.com

⁽⁴⁾ Colaboradora externa do NUPSIT; Mestra em Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido (PLANDITES/UERN); Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte; kamilamvarq@gmail.com

⁽⁵⁾ Professor orientador; Mestre em Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido (PLANDITES/UERN); Docente de Psicologia na FACEP; Coordenador do NUPSIT; HUDSONWALKERPSI@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Socialização Masculina; Cultura Patriarcal; Violência de Gênero;

INTRODUÇÃO

O debate acerca do papel masculino na sociedade se fundamenta por meio do entendimento das categorias binárias de gênero, que foram estabelecidas e continuadas em diversas sociedades e períodos históricos. Dessa forma, essas divisões consolidaram-se a partir da época em que a força física (característica atribuída predominantemente ao sexo masculino) transformou-se em uma ferramenta fundamental para a conquista de territórios e existência humana. Nesse sentido, devido a essa alteração nos modos de sobrevivência, o homem tornou-se uma figura heroica e provedora, enquanto à mulher foi reservado o estigma da vulnerabilidade e submissão (Bizan, 2024). Assim, iniciou-se uma indignante representação simbólica do masculino como um ser superior.

Entretanto, essa construção não se sustenta apenas por fatores históricos ou biológicos; ela é reforçada continuamente pela cultura e pelos discursos da sociedade atual. Somado a isso, as instituições como família, escola e imprensa desempenham papel central na naturalização desses paradigmas, ao produzirem normas que consolidam a desigualdade de gênero. Além disso, essas construções encontram novos meios de circulação, especialmente nos ambientes digitais, onde o ódio àquilo que é feminino, transforma-se em grupos, comunidades e movimentos, como os *Incels*, *Chans*, *MGTOW* (*Men Going Their Own Way*) e o movimento *Redpill*, que se denominam como uma busca pela “verdade”, defendendo a superioridade dos homens em detrimento das mulheres e os modelos de relações dominantes (Guimarães; Dorini; Silva, 2024).

Nesse contexto, o presente estudo é norteado pelo questionamento: como o movimento *redpill* contribui para a (re)produção de masculinidades tóxicas no cotidiano social e para a manutenção da misoginia e das violências de gênero? Dessa forma, busca-se compreender o

impacto desse movimento na construção do “ser homem” socialmente, bem como nas práticas de ódio e violência contra as mulheres, tendo em vista que essa é uma realidade latente que precisa ser confrontada e modificada, para que mulheres possam exercer seu direito de existência em segurança.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa estrutura-se de maneira qualitativa e exploratória, utilizando o procedimento bibliográfico. A investigação desenvolve-se a partir da identificação, seleção, análise crítica e interpretação dos materiais coletados, conforme sugerem Marconi e Lakatos (2009). Sendo assim, a construção do referencial teórico foi realizada por meio de buscas em bases de dados acadêmicos digitais, como Scielo e Periódicos Capes, contemplando artigos científicos e publicações relevantes à temática. Para a seleção do material, foram utilizados descritores como “violência de gênero”, “socialização masculina”, “cultura patriarcal” e “movimentos virtuais misóginos”, priorizando produções dos últimos cinco anos, que apresentavam relevância teórica e atualidade.

O material foi seguido por uma leitura analítica, com destaque para os trechos que dialogavam diretamente com os objetivos do estudo, sendo assim sistematizados e organizados conforme a temática central, permitindo a identificação de recorrências e aproximações entre os textos selecionados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A misoginia não surge de maneira natural ou inevitável, mas é construída historicamente por fatores sociais, culturais, econômicos e simbólicos, que estabelecem papéis rígidos de gênero, nos quais o homem é associado à força e à autoridade. Nesse sentido, tais atributos conferidos ao sexo masculino originam uma masculinidade que busca atingir um padrão de comportamento que facilita a manutenção das hierarquias de gênero (Fagundes, 2023). Ademais, a ideia de superioridade masculina é absorvida na sociedade e na cultura, por meio de filmes, músicas e mídias sociais que sempre reforçam a concepção de que a figura masculina tem mais valor e, por isso, a ela é imposta o exercício de controle sobre um gênero considerado submisso.

Assim, nesse processo de construção do “ser homem”, constrói-se também a dificuldade de ver mulheres como indivíduos semelhantes, que detêm direitos e autonomia sobre seus corpos, já que são retratadas como frágeis ou emocionais, bem como são objetificadas e descredibilizadas socialmente. Além disso, conforme Bourdieu (2012, p. 18 *apud* Fagundes, 2023, p. 4) “[...] A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem à legitimá-la”. Nesse contexto, atitudes machistas tendem a ser banalizadas e frequentemente tratadas como “brincadeiras” ou “costumes”, o que contribui para a perpetuação de uma misoginia estrutural.

Em vista disso, o movimento *redpill* aparece como mais uma fonte de legitimação e manutenção de condutas machistas e misóginas, que contribuem para a (re)produção de masculinidades tóxicas. Segundo Guimarães, Dorini e Silva (2024), essa comunidade, que teve origem nos meios virtuais, reforça as ideologias que sugerem a superioridade dos homens em comparação às mulheres, fortalece as práticas dominantes nas relações heteronormativas e também colabora para a coisificação da figura feminina. Nessa perspectiva, é notório que essa organização contribui para o revigoramento de um machismo que pode ser compreendido como uma das bases estruturais da sociedade.

Ademais, ainda que esse movimento tenha sido criado na internet, o que facilita a exposição e participação de jovens e adultos no consumo e criação de conteúdos misóginos, seus ideais perpassam as telas e penetram no meio social, colaborando para a multiplicação de relacionamentos abusivos, bem como para a normalização de comportamentos violentos (Guimarães, Dorini e Silva, 2024). Outrossim, a criação de grupos de ódio direcionados às mulheres, como os *redpills*, *incels*, *chans*, entre outros, acompanhados das convicções socioculturais, históricas e biológicas acerca dos papéis masculinos, cooperam para a perpetuação e o estabelecimento de masculinidades tóxicas.

Nesse sentido, tais dinâmicas não se originam exclusivamente nos ambientes virtuais, mas encontram respaldo em processos de socialização que se iniciam precocemente. A desvalorização do feminino pode ser observada ainda antes do nascimento, em práticas simbólicas como o chamado “chá revelação”, nas quais, frequentemente, o nascimento de meninos é associado a maior celebração social, enquanto o de meninas pode ser recebido com menor entusiasmo, evidenciando hierarquizações de gênero já naturalizadas. Esse cenário contribui para que, ao longo do desenvolvimento, os meninos internalizem a necessidade de se afastar de tudo aquilo que é socialmente associado ao feminino. Desde a infância, expressões como “isso é coisa de menina” ou “pare de chorar” atuam como mecanismos de regulação do

comportamento, limitando a expressão emocional e desvalorizando características como sensibilidade, cuidado e vulnerabilidade. Dessa forma, constrói-se uma masculinidade pela oposição e não pela identidade do indivíduo, o que favorece a reprodução de padrões rígidos e, posteriormente, a adesão a discursos que reforçam a superioridade masculina.

Sob essa ótica, segundo Fagundes (2023, p. 14):

O modelo de masculinidade definido correspondeu a padrões já consolidados ao longo da história e que são estereótipos do ser ‘machão’ – aquele que age com firmeza, virilidade, honra, agressividade e, por vezes, violência. Ser viril é ser sexuado, dominador, poderoso; é ter uma prática sexual pela égide da indiscutível ‘superioridade’, do controle da(o) parceira(o).

Dessa maneira, em razão da forma como são educados, a partir das estruturas e papéis de gênero que lhes impõem as condutas violentas como traço inerente, os homenstornam-se propensos a cometer um crime que é fundamentado principalmente pelo ódio e aversão àquilo que é feminino: o feminicídio.

Em síntese, segundo Cavaler, Souza e Beiras (2022), independentemente de o feminicídio ser justificado pelo ciúme, pela não aceitação da separação conjugal, pela culpabilização da mulher ou por sua independência e entrada no mercado de trabalho, entre outros fatores, “a defesa da honra masculina é um forte componente nos assassinatos” (Cavaler; Souza; Beiras, 2022, p. 10). Portanto, o feminicídio não se manifesta apenas como uma expressão da construção social da masculinidade, mas como um sistema de controle, que busca eliminar as vidas femininas que não seguem um padrão de submissão.

No que se refere aos dados sobre a violência contra mulheres no Brasil, Bizan (2024) aponta que o país já apresentava índices alarmantes, ocupando posições de destaque no ranking mundial deste tipo de crime. Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2025) indicam que, somente no primeiro semestre de 2022, foram registrados 699 casos de feminicídio no país, evidenciando a persistência e a gravidade desse tipo de violência no contexto nacional.

Atualizando esse panorama, informações mais recentes da mesma organização indicam a intensificação desse cenário. Em 2024, foram registrados 1.492 ocorrências, o maior número desde a tipificação do crime em 2015, mantendo a média de ao menos quatro mortes diárias. Já em 2025, esse número chegou a 1.568 vítimas, representando um crescimento de 4,7% em relação ao ano anterior. Além disso, cabe destacar que essas estatísticas podem ser ainda mais elevadas, considerando a subnotificação e as dificuldades na correta classificação dos casos, especialmente quando a motivação não é reconhecida pelas instituições responsáveis.

Desta forma, os índices seguem elevados, observando que o feminicídio não se limita à manifestação individual da violência, mas constitui-se como um fenômeno social e estrutural, sustentado por normas de gênero que reforçam desigualdades, impactando diretamente a forma como mulheres e homens constroem sua identidade, percebem o mundo e vivenciam suas relações. Portanto, enfrentar essa problemática implica questionar e transformar essas construções sociais, sobretudo aquelas que continuam sendo reproduzidas e potencializadas tanto no meio social quanto nos ambientes digitais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das dinâmicas discutidas demonstra que a violência contra a mulher persiste como um elemento estrutural, assumindo diferentes formas e intensidades no cotidiano social. Nesse cenário, o feminicídio emerge como a manifestação mais extrema dessa lógica, evidenciando não apenas conflitos individuais, mas a permanência de relações de poder que atravessam o social e buscam cercear a autonomia feminina.

Nessa perspectiva, este estudo possibilita ampliar a compreensão acerca da relação entre construções de gênero e a permanência da violência contra mulheres na sociedade ao evidenciar o papel de espaços digitais na atualização dessas dinâmicas. Ademais, reconhece-se como limitação a ausência de uma análise empírica acerca de movimentos que defendem as desigualdades e violências de gênero, como o *redpill*, uma vez que o estudo se baseia em uma abordagem teórica, o que aponta necessidade de pesquisas futuras que investiguem, na prática, os impactos desses discursos na vivência de homens e mulheres.

Por fim, compreende-se que a ideologia *redpill* desempenha um papel significativo na formação de masculinidades tóxicas, ao legitimar práticas dominantes e discriminatórias voltadas às figuras femininas. Além disso, a naturalização desses grupos que incitam violência na internet impacta diretamente a sociedade, visto que discursos difundidos no meio virtual perpassam para a realidade e ajudam a propagar uma aversão inadmissível à existência feminina, que resulta na morte de inúmeras mulheres todos os dias.

REFERÊNCIAS

BIZAN, Kátia. O ventre como instrumento de poder masculino: patriarcado e feminicídio. **Anuário Unesco/Umesp de comunicação regional**, [S. l.], v. 26, n. 26, p. 23–35, 2024. DOI: [10.15603/2176-0934/aum.v26n26p23-35](https://doi.org/10.15603/2176-0934/aum.v26n26p23-35). Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/anuario/article/view/609>. Acesso em: 29 abr. 2026.

CAVALER, Camila Maffioletti; DE SOUZA, Daniel Cerdeira; BEIRAS, Adriano. Motivações para o crime de feminicídio: Revisão integrativa da literatura. **Quaderns de psicologia. International journal of psychology**, v. 24, n. 2, p. e1735-e1735, 2022. DOI:

[10.5565/rev/qpsicologia.1735](https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1735). Disponível em:

<https://quadernsdepsicologia.cat/article/view/v24-n2-cavaler-souza-beiras>. Acesso em: 29 abr. 2026

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. Masculinidades Saudáveis x Masculinidades tóxicas. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, [S. l.], v. 34, p. 1076, 2023. DOI:

[10.35919/rbsh.v34.1076](https://doi.org/10.35919/rbsh.v34.1076). Disponível em:

https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/1076. Acesso em: 29 abr. 2026

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025. Disponível

em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/279>. Acesso em: 01 maio 2026.

GUIMARÃES, Camilla Mariáh; DORINI, Djovana Natielly Gonçalves; SILVA, Diocleide. A violência contra a mulher no Brasil e o “red pill” como principal fator na propagação de comportamentos abusivos. **11o SIMPÓSIO DE SUSTENTABILIDADE E CONTEMPORANEIDADE**, 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2009.